Travis: os últimos românticos • Vem aí o novo disco do **Cult**

Show Bizz

Edição 187 - Ano 16
nº 2 - fevereiro 2001 - R$ 5,00

ISSN 0104-1649
9 770104 164007 00187



Axl

Momento histórico no **Rock In Rio**: a volta triunfal do **Guns N' Roses**







Entrevistas exclusivas com **Foo Fighters**, R.E.M., Neil Young, Queens Of The Stone Age

Iron Maiden e **Red Hot Chili Peppers**: quem arrebentou e quem decepcionou

O dia-a-dia na Cidade do Rock

22 páginas com a cobertura completa do festival

+ de 100 fotos inéditas!

Raimundos e U2: leitores escolhem os **melhores de 2000**

Fotos de capa: Marcos Hermes

De dezembro até o fechamento desta edição, a frase mais dita na Redação era a seguinte: "Para quem vive de música como a gente, o Rock In Rio tem o mesmo status de uma Copa do Mundo para o povo do futebol. Precisamos nos desdobrar para brindar o leitor com uma cobertura matadora do festival". Para isso, não medimos esforços. Durante dez dias, a equipe BIZZ praticamente se mudou para o Rio de Janeiro e viveu em um ritmo mais intenso do que "Feel Good Hit Of The Summer", do Queens Of The Stone Age. A sexta-feira, 12 de janeiro, foi suficiente para dar uma idéia da maratona que nos esperava.
A programação começava ao meio-dia com a divisão das tarefas. Uma parte rumava para os hotéis, atrás de entrevistas, outra seguia para a Cidade do Rock, onde a tenda Brasil recebia as primeiras bandas ainda com o sol a pino. À noite, nos encontrávamos no festival e decidíamos quem iria cobrir o quê. Do fim da última apresentação, perto das 4 horas da madruga, até a chegada ao QG da revista, em Copacabana, mais umas duas horas. Na tarde do dia seguinte, tudo de novo, com um agravante – a partir de sábado, páginas diagramadas esperavam para ser finalizadas. E assim foi até a segunda-feira, 22 de janeiro, quando embarcamos de volta a São Paulo para lamber a cria em casa. O resultado está aí, em suas mãos: 22 páginas com o que de melhor rolou no Rock In Rio, entrevistas exclusivas e, sobretudo, um olhar diferente daquele que você cansou de ver nos jornais diários e na televisão. Como dissemos na edição anterior, as conseqüências do festival poderão ser sentidas durante todo o decorrer de 2001. Com o mesmo apetite da multidão que encarou mais de 12 horas em pé para assistir aos shows, já estamos de olho em novos sons, novas batidas e novas pulsações. Despertar em você uma paixão semelhante à causada por seus ídolos em ação é o que torna nosso mundo melhor.
Tchau e bênção,
Emerson Gasperin


Você ganha mesmo em BIZZ: os três vencedores da promoção Rock In Rio Na Faixa e seus acompanhantes

O que rolou enquanto trabalhávamos para fazer o rock prosperar

PARADA DA REDAÇÃO

***Right Back*, Long Beach Dub All Stars** Foi só o reggae ska core do grupo saído das cinzas do Sublime começar a rolar para o fotógrafo Matias Maxx lembrar que sacaneamos o finado Brad Nowell.

***American III: Solitary Man*, Johnny Cash** O grande "man in black" canta U2, Tom Petty, Nick Cave, deixando tudo mais rústico e desesperador. Acenda as luzes antes de ouvir.

***Welcome To Sky Valley*, Kyuss** Foi nesse discaço, o terceiro do grupo e o preferido de Nick Oliveri, que Josh Homme buscou uma das músicas mais vaiadas do set do Queens no Rock In Rio. O metal tem dessas.

***III*, Led Zeppelin** O folgado que dirigia a van que nos levou para o festival só fez uma coisa boa: deu carona para a filhota, que tinha um cassete com o clássico do Led gravado.

Fotos: Marcos Hermes e Matias Maxx

BARULHO

ESTE MÊS

DISCOFAGIA

★★★★☆



Alice In Chains
Live
Sony

O peso grunge de Seattle no palco, sem retoques

A embalagem engana. Poucos discos têm uma capa tão mal feita e sem graça. Além disso, o encarte limita-se a fotos cinzentas do grupo, ignorando letras e outras adições que sempre valorizam um produto. No entanto, o conteúdo musical não faz feio. A banda mais metal da cena de Seattle passa uma energia inacreditável neste álbum, que engloba gravações de shows entre 1990 e 1996. Há a impressão de realmente se ouvir as apresentações como elas foram, sem retoques em estúdio. O vocalista Layne Staley, o guitarrista Jerry Cantrell, o baixista Mike Inez (ou Mike Starr, baixista original, em algumas faixas) e o baterista Sean Kinney injetam ainda mais beleza e melancolia no clima depressivo das músicas. Faltam as maravilhosas "Sea Of Sorrow" e "We Die Young", mas a seleção representa bem o estilo do Alice In Chains: músicas com andamentos lentos e moderados, enfatizadas por versos obscuros. Os destaques ficam para "Bleed The Freak", na qual Layne e Jerry dividem os vocais com primor; o megahit "Man In The Box"; "Dirt", com Sean adicionando variedade a uma levada simples e direta; e "Queen Of The Rodeo", que quebra o baixo-astral com uma mistura de country e hardcore.

Daniel Oliveira

★★★★☆



Wry
Heart-Experience
Tamborete

Gravação quase põe a perder a pegada dos sorocabanos

Apesar das influências facilmente reconhecíveis (punk, glam, alternativo americano à Superchunk), *Heart Experience* não é um catálogo de bandas copiadas. O estilo e a personalidade que atravessam o disco estabelecem a identidade do Wry e o vocalista Mario Bross opera um pequeno milagre ao cantar parecido com o infame Brian Molko, do Placebo, e não se tornar irritante. As composições também são OK, do tipo que fazem a pessoa tocar o CD do Wry porque dá vontade de ouvir "Jesus Beggar", "Her Substance", "You Know Why" ou "77:00". Some-se os fraseados de guitarra e um conceito que eu não entendi bem qual é, mas que claramente amarra todo o álbum. O cello e o violino em "Ultra-Sense" também ficaram jóia e, de quebra, há as reprises de "That's Me On The Corner" e "The New Radio Station No. 1" (deve ter a ver com o tal conceito). As lamentações ficam por conta da gravação. Por mais que as bandas brasileiras soem pesadas, sempre falta aquele som "cheio", e a bateria é meio magra – o que é uma pena, especialmente para quem tem um ótimo baterista como Renato Bizar. Nesse aspecto, *Heart Experience* também está além da maioria, mas ainda não chegou lá.

Fabio Bianchini

Ah, sei lá, mil coisas...

BARRACO ZOADO



Veja só. Vamos começar com um disco que traz um olho na capa. Se você já deu uma espiada no Barulho desta edição, sabe que não se trata de uma idéia original. Mas **Leandro Lehart** se esforçou bastante para fazer o seu *Solo* (Virgin). Ele, que sempre gozou de uma reputação musical um pouco melhor que a de seus companheiros de pagode, deixou o Art Popular de lado para fazer um disco de MPB da Trama. Não é à toa que Max de Castro assina a produção. Músicas lentas, com orquestrações e toques de modernidade. No fim das contas, o álbum soa um pouco pretensioso, mas valeu a tentativa. Poderia tranqüilamente ser assinado por um dos Artistas Reunidos ● **Em *One Night Only* (Universal), todos os acertos e erros do baladeiro Elton John ficam expostos. O disco ao vivo tem desde maravilhas pop como "Goodbye Yellow Brick Road", "Rocket Man", "Crocodile Rock" e "Bennie & The Jets" a babas inclassificáveis como "Sacrifice" e "Candle In The Wind". OK, a titia pode. E o fã do finado Ben Folds Five vai saber diferenciar o joio do trigo** ● Force a cuca e tente se lembrar de **Joan Osborne**. Não, essa é a Meredith Brooks. Errou de novo, o nome dessa é Paula Cole. Ou é Tracy Bonham? Tantas cantoras apareceram na época em que ser Alanis era legal que fica difícil se recordar daquela garota que cantava "One Of Us". Seu novo disco, *Righteous Love* (Universal), a aproxima mais do rock blueseiro de Sheryl Crow que de qualquer outra coisa. E isso não foi uma tentativa de depreciar o trabalho de Joan! Existem bons momentos, a faixa-título é prova disso ● **Saca só a loucura: um tributo a uma editora de livros anarquista. É, existe e foi lançado no Brasil (sabe-se lá por quê). *Better Read Than Dead* (Epitaph/Sum) é uma homenagem a AK Press, que forneceu cultura em forma de letrinhas para toda uma geração de jovens americanos e britânicos. O bom é que dá para ficar conhecendo o som de bandas que continuam inéditas por aqui, como Pitchshifter. Isso sim é bacana. Mas os destaques são mesmo Wayne Kramer ("Turn The Trick") e Bjorn Baby Bjorn ("Waterloo", siiim!)** ● Alguém aí dá bola para o **Simply Red**? Está saindo a coletânea *It's Only Love* (Warner) que não tem "Money$ Too Tight (To Mention)" e "Something Got Me Started". Ouça "Holding Back The Years" na moita, sem ninguém ficar sabendo ● **Agora dá para ter certeza de que o Moloko não é de nada. Depois de uma performance desprovida de talento ou emoção no Free Jazz Festival de 2000, chega ao Brasil *I Am Not A Doctor* (Sum), terceiro disco da formação. Tem o clássico da house "Sing It Back" e outras 14 faixas que não fedem nem saem da moita** ● Por falar em coletânea, a dos etéreos escoceses do **Cocteau Twins** tem "Lorelei", "Pandora", "Iceblink Luck" e "Heaven Or Las Vegas" – ideais se a intenção é relaxar. Meia hora de *Stars And Topsoil A Collection (1982-1990)* (Sum) tranqüiliza mais que uma sessão de shiatsu ● A última é para a turma do piercing na hemorróida: **Gus Gus Vs. T-world** (Sum) ganhou edição nacional. Abrace já o seu.